

Música popular, cidade e patrimônio**LUIZ HENRIQUE ASSIS GARCIA ***

*Você é o que passa e deixa seu rastro
o lugar imantado do fato de que nele você tenha estado*

Ana Martins Marques

Profundas transformações sociais e culturais na segunda metade do século XX afetaram as formas de pensar, preservar e difundir o patrimônio, provocando o alargamento dessa noção e a redefinição de seu sentido social. A música popular, fenômeno cultural profundamente associado às transformações sociais e hibridações culturais que configuraram as cidades no contexto da modernidade, foi também objeto desse alargamento, deixando de ser percebida apenas como produto da liquefação operada no mercado, expressão impura e indigna de reconhecimento como arte ou tradição. Do mesmo modo que foi do fundo de quintal para o Municipal, foi das espeluncas aos museus.

Venho conduzindo uma investigação¹ sobre o *Museu Clube da Esquina* (MCE)², museu digital dedicado a preservar e divulgar a produção artística e as memórias associadas aos músicos a que seu nome remete. Sua sede física será instalada num antigo prédio integrado ao *Circuito Cultural Praça da Liberdade*, em Belo Horizonte³. O museu também articula simbolicamente num “roteiro”, através de placas e textos⁴, certos espaços da cidade, como o *Edifício Maletta*, o *Edifício Levy* e a própria esquina freqüentada pelos membros no bairro *Santa. Teresa*. Processo parecido ocorre na cidade natal dos *Beatles*, Liverpool, em pontos

* Prof. do Curso de Museologia (UFMG). Doutor em História (UFMG). Apoio PRPq/UFMG e FAPEMIG.

1 O projeto em andamento *Museu Clube da Esquina: do sonho à cidade*, é apoiado pelo Programa Institucional de Auxílio à Pesquisa de Doutores Recém-Contratados da PRPq – Universidade Federal de Minas Gerais, e recebe Auxílio Financeiro e Bolsa de Iniciação Científica da FAPEMIG, pelos quais agradeço.

² Endereço eletrônico: <<http://www.museclubedaesquina.org.br/>>

³ O projeto do museu envolve a Associação dos Amigos do Museu do Clube da Esquina (AAMUCE), o Governo de Minas Gerais e a UFMG. <<https://www.ufmg.br/boletim/bo11813/4.shtml>> Ao colega Prof. Mauro Rodrigues, da Escola de Música da UFMG, responsável na Universidade por coordenar o projeto, agradeço pelo acesso a cópia do projeto arquitetônico, desenvolvido por Mariza Machado Coelho e Fernando Maculan.

⁴ Ver MUSEU CLUBE DA ESQUINA. Guia de Belo Horizonte: roteiro Clube da Esquina. Belo Horizonte: Associação dos Amigos do Museu Clube da Esquina, 2006; MUSEU Clube da Esquina começa a se alastrar por BH. **O tempo**, 03/12/2005, reproduzido em <<http://www.orkut.com/Main#CommMsgs?tid=2434551103774763913&cmm=6001100&hl=pt-BR>>, acessado em 29 de setembro de 2012.

como *Penny Lane*, *Strawberry Field* ou o bar *Cavern Club*. Uma análise comparativa apresentou-se como possibilidade valiosa para a pesquisa. Considerando que esses lugares constituem patrimônio urbano e são apropriados de diversas maneiras, proponho aqui investigá-los através de relatos de cidadãos ou turistas, procurando compreender como participam da construção simbólica dos lugares e de que modo interagem com a narrativa oficial. Tomo como premissa que “Cada ato de reconhecimento altera as sobrevivências do passado (...) A interação com um patrimônio continuamente altera sua natureza e contexto, seja por escolha ou por acaso” (LOWENTHAL, 1985, p.263). Como nota este autor, essas mudanças podem ser perturbadoras. Se há necessidade de perceber o passado como “estável” para legitimar uma tradição e confirmar identidades, como lidar com um passado que é fluido e alterável? Reconhecer que se formam narrativas diversas sobre os lugares tem, portanto, implicações diretas sobre a política de patrimônio, uma vez que esta precisa dar conta disso ao invés de varrer as dissonâncias para debaixo do tapete. Não se pode esquecer que os museus, as práticas e as políticas de patrimônio são afetados por fluxos que conformam o espaço e o tempo, como a conversão da cultura em mercadoria, a espetacularização da memória e as requalificações urbanas. Nestas confluências pretendo refletir sobre as relações entre canção popular, cidade e patrimônio

A música popular e os sentidos dos lugares

Os estudos sobre cidades caracterizam-se como área de confluência (não necessariamente harmônica) entre disciplinas, o que fica evidente no uso de marcos teóricos e estratégias metodológicas que partem da sociologia, geografia, história, antropologia e comunicação, entre outras. Na contemporaneidade, as discussões que envolvem o tema da globalização encontram na cidade um de seus principais nós, especialmente na medida em que vem sendo reconhecida a importância do local e da territorialização de práticas sociais, inclusive na formulação de formas de pertencimento, que, simultaneamente, encontram-se entrelaçadas aos consumos transnacionais de bens simbólicos industrializados. Assim, as análises sobre o espaço urbano têm conceituado as cidades como objetos complexos, e, ao mesmo tempo, lócus privilegiado para compreender a articulação das culturas e a negociação de identidades individuais e coletivas. Como diz Mariza VELOSO,

(...) o espaço urbano abriga fluxos de informação, de mercadorias e formas diferenciadas de sociabilidade, extremamente complexos, o que demarca a existência de múltiplas territorialidades. (VELOSO, 2003, p.110-111)

A diversidade não exclui as possibilidades de comunicação entre os grupos sociais nem elimina a ocorrência, ainda que conjuntural, da “convergência de sentido” que participa da construção do espaço público (VELOSO, 2003, p.111). A contribuição de José Guilherme MAGNANI, pelo viés da antropologia urbana, ao propor um ajuste de foco para perceber “de perto e de dentro” a vida nas metrópoles contemporâneas, atenta para a emergência de “(...) novos padrões de troca e de espaços para a sociabilidade e para os rituais da vida pública.” (MAGNANI, 2002, p.26). Assim, não se trata do espaço urbano em sua dimensão puramente material, mas sim da experiência do espaço, que implica em demarcações que emergem dos sentidos depositados por grupos sociais e seus rituais que converte “(...) ruas, praças e monumentos transformam-se em suportes físicos de significações compartilhadas” (ARANTES, 1994, p. 192).

Adoto aqui a categoria “lugar”, considerado como espaço que ganha singularidade a partir das formas de sua apropriação pelos cidadãos, portanto de relações e práticas de natureza coletiva que o tornam referência para os indivíduos (CARLOS, 1996: 68-69). Como a própria cidade, essas relações e práticas são mutáveis no tempo e no espaço. No contexto da experiência atual, marcada por rupturas, fragmentações e incertezas, houve tentativas de atribuir aos lugares uma estabilidade que garantiria a preservação do patrimônio de uma dada e definida comunidade. Justamente por isso Doreen MASSEY faz uma crítica do que chama de “noção reacionária do lugar”, entendendo-o não como uma fronteira definida para o local, mas como “encontro” construído a partir de uma “constelação particular de relações sociais” que articula local e global (MASSEY, 2000, p.178). Longe de esgotar uma discussão que já mereceu atenção de autores da estatura intelectual de Milton Santos, Michel De Certeau ou David Harvey, cabe aqui destacar que entendo “lugar” como resultado de interações em processo, que não opõe interior e exterior, dentro e fora, e que comporta várias identidades, plurais, concorrentes e cambiáveis.

A música popular desempenha um papel-chave desde que emergiu como forma cultural singular que vem sendo empregada para dar sentido à vida na urbe. Essa tem sido a marca dos estudos sobre as relações entre música popular, identidade e lugar, sob influência de áreas de

pesquisa diversas, como a etnomusicologia, a sociologia da cultura e a geografia cultural. Cumpre lembrar que a música popular, em sua trajetória social-histórica, está intimamente relacionada às transformações próprias da modernidade, como a urbanização, a presença das massas na cidade e a introdução dos meios massivos de comunicação:

Na entrada do século XX, os sujeitos que faziam música popular experimentavam os dilemas da modernidade de perto, na medida em que sua própria linguagem musical era uma expressão inequívoca das suas contradições (GARCIA, 2011, p. 111)

Sendo um construto que se desloca entre o transitório e o permanente, participa da formulação de identidades urbanas e integra sociabilidades que informam sobre as diversas culturas que conformam os lugares urbanos, em especial através da forma de canção, torna-se objeto privilegiado para pensar a reprodução ou a reinvenção dos laços sociais nos universos densos, abertos e heterogêneos das sociedades contemporâneas. Numa boa síntese, “the social relations embedded within music production and consumption contribute to the production of particular places.” (KRUSE II, 2003, p.155).

Nesta perspectiva, se tomamos o popular-urbano como “lugar de mestiçagens e reapropriações” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 149), podemos considerar que a música popular “(...) oferece os meios pelos quais as hierarquias de lugar são negociadas e transformadas”⁵ (STOKES, 1996, p. 4). Se a canção pode informar um “sentido de lugar” para indivíduos e comunidades (STOKES, 1996, p. 3), pode representar, simultaneamente, um “lugar de sentido”, configurando-se como ponto nodal em que disputas simbólicas são travadas, forças sociais são mobilizadas e interlocuções possíveis são construídas. Desse modo, para pensar a seguir as narrativas plurais sobre patrimônio urbano relacionado à música popular, tomo como premissa que...

É possível reconhecer traços físicos e afetivos do passado musical dentro do presente material, e perceber o ambiente material como um palimpsesto que oferece camadas cronológicas de significado musical, uma sobreposta sobre outra, com as novas camadas coexistindo, mais que se contrapondo, com as anteriores. Esta sedimentação musical dispara emoções e fornece uma fonte para memórias

⁵ Todas as traduções do inglês são minhas.

coletivas e um arcabouço de símbolos que permite a grupos locais dialogar e reter uma noção de história e identidade coletiva. (COHEN, 2007, p.10)

Narrativas plurais em Belo Horizonte e Liverpool

Os lugares dos quais vou tratar em seguida já foram objeto de pesquisas e artigos feitos por mim em outras ocasiões. Não são escolhas casuais, pois é impossível compreender o Clube da Esquina sem investigar a fundo sua relação com o espaço da cidade, bem como um clichê discutir...

(...) como a música constrói ou é usada para representar um lugar, sendo um exemplo disso a forma como os Beatles atribuíram sentido a lugares e significados musicais associados através de canções como Penny Lane ou Strawberry Fields Forever, as quais, por sua vez, têm impacto em como as pessoas compreendem estes lugares (NEGUS, 1996: 185)

O viés que adoto aqui, porém, é inédito, e se diferencia basicamente por duas razões. Primeiro, pela ênfase dada na problemática do patrimônio, que até então não havia sido alvo de reflexão detida. Segundo, porque desloca o foco, antes muito concentrado nos músicos populares, para o público, composto basicamente por residentes e visitantes das cidades abordadas. Farei poucas considerações concentradas nas canções ou nos seus compositores, remetendo o leitor que porventura se interessar a trabalhos que se dedicam a este fim (GARCIA, 2011; GARCIA, 2012). Essa mudança de foco provocou a adoção de diferentes estratégias para a pesquisa empírica, em que combinei fontes visuais e relatos escritos, reunidas através de um trabalho de campo realizado em Belo Horizonte e outro navegando via internet por sítios eletrônicos e redes sociais relacionados aos lugares abordados. Inspirado por postagens de amigos músicos residentes em Belo Horizonte que haviam se deslocado para Liverpool para tocar no International Beatle Week Festival⁶, criei uma página no Facebook⁷

⁶ Evento organizado anualmente pela Cavern City Tour, principal operadora de turismo de Liverpool. Até a década de 1990 um evento de pequenas proporções, atrai atualmente grande público de todo o mundo, inclusive bandas “tributo” de mais de 20 países, segundo <<http://www.cavernclub.org/beatles-festival-2012/item/2012-beatles-festival>> , acessado em 11/09/2012. Agradeço especialmente a contribuição e as fotos disponibilizadas na rede via Facebook por Vladimir Magalhães, da banda Hocus Pocus, e Maurício Ribeiro.

⁷ <<https://www.facebook.com/ExperimentalPatrimonioUrbeMusPopular>> , criada em 31/08/2012. Seu conteúdo é público, mas para fazer comentários ou receber postagens é preciso ter cadastro no Facebook.

denominada **Pesquisa experimental: patrimônio urbano e música popular**⁸, utilizando-a como ferramenta de pesquisa. A página funciona simultaneamente como arquivo digital, fórum de discussão, meio de contato e diário eletrônico, e boa parte do que será exposto a seguir é resultado parcial da análise do material que lá se encontra.

Porém começo de um relato de pesquisa de campo do norte-americano Robert KRUSE II que combina uma pitada de geografia cultural e ironia liverpudliana:

Porque você quer ir a Penny Lane?' meu anfitrião perguntou durante uma conversa na cozinha na manhã seguinte no café-da-manhã (...) 'Não há nada lá'. A vida inteira um residente de Liverpool, ele brincou que Paul McCartney havia, ao referir-se ao abrigo de ônibus no meio da rotatória (...) essencialmente imortalizado um banheiro público (KRUSE II, 2005, p.100).

A ironia do morador coloca de imediato a diferença entre a sua percepção e a do pesquisador/turista, e ao mesmo tempo nos lembra que há significados vernaculares, corriqueiros nos lugares, que pertencem à biografia de outros cidadãos que não os músicos populares que compuseram canções sobre eles. Isso também é válido no caso do Clube da Esquina, ainda que nesse caso sejam os próprios membros do grupo os primeiros a salientar esse aspecto comum, seja na narrativa do livro de Márcio Borges “(...) um pedaço de calçada e um simples meio-fio, onde os adolescentes da rua (...) costumavam vadiar, tocar violão, ficar de bobeira (...)” (BORGES, 1996, p. 167), em vários depoimentos de Lô Borges ou no texto da própria placa indicativa colocada lá pelo MCE, que menciona os frequentadores do lugar que não eram músicos e narra a origem mais do que prosaica da expressão 'Clube da Esquina', cunhada pela mãe dos músicos para designar o local de modo até pejorativo. A diferença entre o olhar estrangeiro do visitante e o do morador também transparece noutro trecho do livro de Márcio Borges, em que relata a vinda a Belo Horizonte de Lyle Mays, tecladista da banda do jazzista norte-americano Pat Matheny, na companhia do saxofonista Nivaldo Ornelas para conhecer um simples pedaço de meio-fio:

⁸ Após ofertar uma disciplina optativa baseada nas pesquisas motivadas pela página, ela acabou se desdobrando em um novo projeto de pesquisa intitulado *Patrimônio urbano e música popular: os sentidos dos lugares*, que a partir de agosto de 2013 contará com 2 bolsistas de iniciação científica graças a apoio da PRPq-UFMG e do CNPq.

(...) entraram num táxi e mandaram tocar para Santa Tereza, rua Divinópolis esquina com rua Paraisópolis. Pararam um minuto. Lyle nem desceu do carro. Observou bem: um cruzamento, duas ruas, quatro ângulos, quatro casas residenciais absolutamente comuns e sem graça – e mais nada. My God! – exclamou. (BORGES, 1996, p.351)

Neste sentido aproximo minha proposição da “metáfora da esquina” da sugestão de COHEN de pensar o espaço urbano como palimpsesto, pois

(...) a esquina surge para nós como um espaço que vai sendo recoberto por diversas significações: lugar de brincadeiras na infância, ponto de encontro na juventude, referência de objetivos compartilhados, local de passagem para carros e passantes apressados que se torna a referência lúdica de sujeitos criativos que rompem seu aspecto provinciano com sua intenção universalista. A esquina marca a cidade com um ponto de interrogação. Assinala as suas outras possibilidades, interrompe, ainda que por um pequeno instante, o fluxo de carros e pessoas, a trajetória inquestionável do passante. Nela faz-se possível a subversão de um certo planejamento urbano, que quer lhe imputar apenas o papel de conformar a circulação de gente e veículos. (GARCIA, 2012, p.44)

Percebo que se formam narrativas concorrentes que revelam a tensão entre o ordinário e o extraordinário, entre o estranho e o familiar. Ela também aparece em vários relatos que recolhi que procuram desfazer o desconhecimento sobre os lugares. Neste caso, independente do autor ser ou não um morador, é preciso que tenha algum conhecimento da história dos músicos e dos lugares sobre os quais pretende esclarecer outras pessoas. Na postagem “Uma esquina, um clube” do blog Bala Perdida, o autor entrelaça fotos do lugar (inclusive detalhe das placas indicativas) e as seguintes linhas “Preste bem atenção nesta esquina. Parece uma esquina comum em um bairro de classe média baixa, em qualquer capital brasileira. Mas não é. Talvez, essa seja a esquina mais famosa da nossa música popular (...)”. Um dos usuários que compartilhou no dia 13/09/12 uma das fotos que fiz da mesma esquina no trabalho de campo, escreveu assim: “pra quem sempre achou que fosse um clube...”. Ou o comentário do vídeo de Milton Nascimento executando a canção *Clube da Esquina* assinado por jokabbhz: “mais uma perola da Musica Mineira: Para quem não conhece Clube da Esquina não era nem um bar ou outra coisa, era sim uma Esquina como outra qualquer. (...)”. De forma análoga,

Bill Holmes, de Washington DC, comentando a foto do portão de Strawberry Field que postou no Flickr, diz que “é um lugar real em Liverpool, mas não há morangos por lá”⁹. Os comentários relativos a fotos em Penny Lane também se ocupam muito em confirmar a concretude dos elementos narrados na canção, como a rotatória ou a barbearia¹⁰. Essa leitura do público de alguma forma parece querer compensar a complexidade das significações sobrepostas por seus compositores (GARCIA, 2011).

Os comentários mais extensos associados a fotografias, em blogs, grupos virtuais especializados ou páginas dedicadas de fãs, mostram uma forma de apropriação em que a narrativa das experiências pessoais (das viagens aos lugares, das recordações associadas à passagem por eles ou à escuta das canções) combina-se ao conhecimento sobre a história do lugar para traduzir uma forma específica de pertencimento. Por exemplo, quando postei um link de uma foto do Edifício Levy na página de um grupo de admiradores do Clube da Esquina¹¹, uma das participantes comentou em 24/09/2012, demonstrando saber que era o “Edifício Levy, no centro de BHZ, na Av. Amazonas, onde Bituca [apelido de Milton Nascimento] e Lô Borges se encontraram pela 1ª vez, (...)” e que “(...) A um quarteirão dali, na Rua Tupis, no Edifício Cesário Alvim, moravam, Toninho Horta e Beto Guedes! BHZ era mesmo uma aldeia, e o Universo conspirou a favor da reunião desses caras do Clube da Esquina!”.

Em outro contexto, comentando um texto postado em 2006¹², em comemoração aos 35 anos da gravação do álbum Clube da Esquina, Vanyze, escreveu de Salvador, na Bahia:

Um dia vou acabar indo a BH para conhecer o bairro de Santa Teeza[sic] e a célebre esquina. Na adolescência, eu e meus amigos também **tivemos a nossa esquina** em Boa Nova, no sudoeste baiano. **A identificação é total.** [grifos meus]

Chamo a atenção para o fato de que o autor deixa saber que ainda não esteve fisicamente no lugar, mas com ele se identifica de forma intensa. O material relacionado aos Beatles também evidencia essa característica trans-local:

⁹ <<http://www.flickr.com/photos/flaneur/3770282963/>> acessado em 26/09/2012.

¹⁰ Os relatos que encontro indicam que por um certo período a prefeitura de Liverpool desistiu de substituir as placas indicativas de logradouro que eram retiradas como *souvenirs* constantemente em Penny Lane, optando por pintar o nome do logradouro no muro. Atualmente há placas fixas ao solo.

¹¹ Agradeço a contribuição dos diversos participantes da página Blog do Clube da Esquina.

¹² ROSA, Sérgio. <<http://www.overmundo.com.br/overblog/clube-da-esquina-35-anos-depois>>, acessado em 29/09/2012.

those who invest in popular music as an aspect of cultural heritage are equally apt to articulate this in trans-local, generationally based terms. They view popular music as something that bonds and shapes individuals through specific instances of cultural memory tied to their collective associations with particular music scenes and associated cultural groups as these manifest themselves at a global level (BENNETT, 2009, p.477)

O exemplo perfeito aqui é o Wall of Fame (muro da fama) do Cavern Club. Nessa parede estão gravados em baixo relevo nos tijolos os nomes de todos os músicos – dos notórios aos anônimos - que tocaram no bar, seja na sua antiga sede ou na reconstruída¹³. O Cavern guarda um significado local associado à cena musical de Liverpool, ao mesmo tempo que aciona uma dimensão global pelo que representa para os fãs dos Beatles ao redor do mundo.

Se canções resignificaram os lugares, inclusivem em sua dimensão global, o desejo de deslocar-se em direção aos lugares expressa a vontade de apropriar-se dele e deixar marcada ou registrada sua passagem por eles. Autores como KRUSE II e ALDERMAN empregam inclusive o termo “peregrinação”, quando querem diferenciar o deslocamento de admiradores e a visitação turística corriqueira. Uma forma bastante recorrente de fazê-lo é através de fotografias, capturando o instante da presença em um suporte documental que pode ser acessado posteriormente. A possibilidade de fazer fotos digitais através de câmeras e celulares permitiu a literal inundação da internet com esse tipo de registro. Durante a pesquisa, as imagens digitais permitiram visualizar outra forma de apropriação que despertou muitas questões: os grafites ou inscrições, visíveis em muros, placas, e até mesmo no portão de metal em Strawberry Field. KRUSE II se interroga se essas intervenções seriam a expressão do desejo de fazer parte de uma história em particular, de dar visibilidade ao espaço social de um determinado grupo ou de simplesmente marcar uma presença no lugar. Estudando o caso do muro na antiga mansão de Elvis Presley, ALDERMAN considera que:

¹³ Em agosto de 2012 o guitarrista Andreas Kisser tornou-se o primeiro brasileiro a figurar no Wall of Fame, como pude ver em primeira mão através de foto compartilhada por Maurício Ribeiro. Entre os blogs pesquisados a respeito da história do Cavern Club, ver <http://obaudoedu.blogspot.com.br/2011/08/cavern-club-o-pub-mais-famoso-do.html>, acessado em 13/09/2012 e <http://www.sixtiescity.com/Cavern/cavern7.htm> acessado em 28/09/2012. Pela quantidade de fotos compartilhadas via internet, é um dos lugares associados aos Beatles mais visitados.

“As escritas nas paredes de Graceland representam modos vernaculares e diversos de santificar o cantor. Enfocando o processo de inscrição, o estudo enfatiza a ideia dos visitantes como autores ou criadores da memória e da religiosidade sobre Elvis (...) são também um lugar para alguns visitantes conduzirem um diálogo sóbrio sobre o derradeiro significado da vida e da imagem do cantor” (ALDERMAN, 2002, p.28; p.31)

O exame que venho fazendo das escrituras mostra que essas formas de apropriação convivem, mas com predominância da marcação de presença, através da grafia do nome, da data e eventualmente do local de procedência no caso dos viajantes. Mas também há sinais gráficos como corações ou o sinal de “paz e amor”, trechos de letras ou títulos de canções dos Beatles, corroborando a sugestão de ALDERMAN e colocando-se à parte e eventualmente em contraponto à formação de um discurso oficial relacionado à exploração econômica/turística que descarta a controvérsia e a tensão em torno de um determinado objeto ou lugar. Nesse ponto há muitas diferenças entre os lugares pesquisados em Belo Horizonte e Liverpool. Ao contrário do que observamos em Strawberry Field e Penny Lane, nesse caso não há integração entre as marcas feitas com spray e as placas que denominam/demarcam o lugar. As imagens feitas por mim em campo mostram narrativas totalmente concorrentes, pois nesse caso as pichações demarcam outro lugar e outras presenças, totalmente alheias à história ou memória do Clube da Esquina.

Considerações finais

O reconhecimento do papel que jogam os lugares na constituição e negociação das identidades fez deles alvos das iniciativas de preservação, das ações das políticas de patrimônio e eventualmente de musealizações (GARCIA 2009), evidenciando aí o caráter deliberado que Pierre NORA, em influente trabalho, identifica na produção dos “lugares de memória” (NORA, 1993, p.21-28). É preciso apontar que é recente, ainda que cada vez mais intenso, o ímpeto das instituições de consagração do patrimônio em relação à música popular, tida tradicionalmente como uma forma bastarda e desvalorizada por seu vínculo com o mercado e a indústria cultural (BENNETT, 2009; GARCIA, 2011). Em Belo Horizonte, um caso pioneiro foi o tombamento pelo município da Cantina do Lucas, no Edifício Maletta, em 1998. Como propõe Sara COHEN:

“Such places are not just represented through music making but may also be experienced. The bohemian feel of Liverpool's Cavern Club, for example, was reinforced by its location in a warehouse cellar, its black painted walls and its dank, subterranean atmosphere” (COHEN, 2007, p.6)

Emergem assim narrativas oficiais, gestadas nos órgãos públicos, projetos financiados por leis de incentivos ou em empreendimentos privados associados ao turismo, calcadas na atribuição de valor aos lugares ligados à música popular. Neste sentido, “A designação localiza a antiguidade em nosso mapa mental e lhe confere seu status; a sinalização proclamando sua idade também a distingue de seus atuais arredores” (LOWENTHAL, 1985, p.265). As iniciativas de reconhecimento mais visíveis foram a colocação das placas indicativas por parte do MCE em 2005, reforçando todo um projeto de fabricação de um “lugar de memória” sobre o Clube da Esquina que começara na década anterior¹⁴. Seu limite porém é a própria informalidade que marcar a construção dos sentidos sobre a esquina (GARCIA, 2012) e que alimentam as narrativas produzidas sobre ela por habitantes e eventuais visitantes.

Em Liverpool, surgiram corporações que administram todo um circuito comercial integrando lugares e roteiros turísticos. As ações comerciais sobrepõem à paisagem vernacular da cidade uma paisagem comercial, e uma “autenticidade” fabricada da qual o Cavern é exemplo cabal. Eu acrescentaria que as ações oficiais de política de patrimônio também esse efeito de sobreposição, salientando que não apagam o que já havia, nem excluem outras possibilidades de apropriação, como foi mostrado até aqui. Desse modo as iniciativas que partem do museu em direção à cidade não podem pretender solapar essas diversas narrativas, mas sim reconhecê-las como constitutivas do lugar.

Bibliografia

ALDERMAN, Writing on the Graceland wall: on the importance of authorship in pilgrimage landscapes. **Tourism Recreation Research**, 2002, pp.27–33.

ARANTES, Antonio A. A guerra dos lugares. Cidade. **Revista do patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n.23. Rio de Janeiro: IPHAN, p.191-203, 1994.

¹⁴ Em 1996 foi lançada “placa alusiva aos 30 anos do mais importante movimento musical contemporâneo mineiro, (...) doada pela BELOTUR e confeccionada pela ACESITA” que “(...) serviu para registrar o local exato das reuniões do grupo, de grande importância na vida cultural de BEAGÁ, e desconhecido do público em geral”. [grifo meu] <http://www.belo Horizonte.mg.gov.br/local/atrativos-turisticos/obras-de-arte/placa-comemorativa-do-clube-da-esquina> acessado em 28/09/2012.

BENNETT, Andy. ‘Heritage rock’: Rock music, representation and heritage discourse.

Poetics, Elsevier, n.37, 2009, pp. 474–489.

BORGES, Márcio. **Os sonhos não envelhecem: histórias do Clube da Esquina**. São Paulo: Geração Editorial, 1996.

CARLOS, Ana Fani A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

COHEN, Sarah. Identity, place and the ‘Liverpool sound’. In: STOKES, Martin (edit.). **Ethnicity, identity and music: the musical construction of place**. Oxford: Berg Publishers, 1994, pp.117-135.

COHEN, Sara. “Rock Landmark at Risk”: Popular Music, Urban Regeneration, and the Built Urban Environment. **Journal of Popular Music Studies**. Blackwell Publishing Ltd. Volume 19, Issue 1, pages 3–25, April 2007.

FREIRE-MEDEIROS, Bianca. Favela como Patrimônio da Cidade? Reflexões e polêmicas acerca de dois museus. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: FGV, Vol. 2, No 38, 2006, pp.49-66.

GARCIA, Luiz Henrique A. O lugar da História: intervenções museais no espaço urbano em Belo Horizonte In: **Anais da VII Semana dos Museus USP**, São Paulo, pp.62-70, 2009.

GARCIA, Luiz Henrique A. Em meus olhos e ouvidos: música popular, deslocamento no espaço urbano e a produção de sentidos em lugares dos Beatles. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, 2011, vol.24, n.47, pp. 99-118.

GARCIA, Luiz Henrique A. Canções Feitas na Esquina do Mundo: música popular e trocas culturais na metrópole através da obra do Clube da Esquina. **Revista Brasileira de Estudos da Canção** n.2, jul-dez 2012, pp.40-61.

KRUSE II, Robert J. Imagining Strawberry Fields as a place of pilgrimage. **Area**, 35.2, 2003, pp. 154–162

KRUSE II, Robert J. The Beatles as Place Makers: Narrated Landscapes in Liverpool, England. **Journal of Cultural Geography**, spring/summer, n 22.2, 2005, pp. 87-114.

LOWENTHAL, David. **The past is a foreign country**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MASSEY, Doreen. Um sentido global do lugar. In: ARANTES, Antônio (org.) **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, 2000.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. O museu na cidade x a cidade no museu. Para uma abordagem histórica dos museus de cidade. **Revista Brasileira de História**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 8/9, pp. 197-205, 1985.

MUSEU CLUBE DA ESQUINA. **Guia de Belo Horizonte: roteiro Clube da Esquina**. Belo Horizonte: Associação dos Amigos do Museu Clube da Esquina, 2006.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo: PUC-SP. N° 10, p. 07-28, 1993.

VELOSO, Mariza. O museu como espaço público. In: SANTOS, Afonso C.M. dos, KESSEL, Carlos, GUIMARAENS, Cêça (orgs.). **Livro do Seminário Internacional Museus e Cidades**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, p.104-122, 2004.

STOKES, Martin. Introduction. In: STOKES, Martin (edit.). **Ethnicity, identity and music: the musical construction of place**. Oxford: Berg Publishers, 1994, pp.1-27.